

O Globo - 31.12.59

A CRÔNICA de Rubem Braga

A BOA IDÉIA

VAMOS entrar em um ano histórico: muda-se a capital do Brasil para uma cidade nova onde as ruas não têm passeios nem postes (boa cidade para empinar papagaios, má para andorinhas) e que por muito tempo ainda terá muita poeira. A mudança naturalmente vai ser atrapalhada, muito senador e ministro do Supremo reclamando isto e exigindo aquilo — mas, enfim, a mudança da côrte de D. João VI foi pior.

Em matéria de vida noturna o que Brasília tem de melhor é o “Chez Willy”, restaurante embaixo e boate em cima; o banheiro é infecto. Por que não fazer logo um regulamento municipal para evitar que a tradicional sujeira carioca — toaletes espremidas ao lado da cozinha, com gentil intercâmbio de mósca — aconteça também em Brasília, como já está acontecendo?

O Embaixador Hugo Gouthier, que é um homem de muitas idéias, umas boas, outras não, acha que lá deve haver um butantãozinho, porque turista gosta muito de ver cobras; e também projetou, com o Sr. Henrique Tam, construir um cemitério grã-fino no parque da residência da viúva Henrique Lage, no Jardim Botânico, aqui no Rio. Quanto às cobras a coisa é fácil, porque a água que está formando o lago tem obrigado as cobras da várzea a fazer mudança, e não padeceremos de falta de cobras em Brasília. Por que não providenciar também cisnes e gôndolas, pelo menos um casal de cada? E quanto ao cemitério, acho a idéia boa: um cemitério para gente bem, onde cada entêrro será uma espécie de *garden party* e estranhos sem convite não serão admitidos, e os colonistas sociais falarão logo do “clube mortuário mais fechado do Brasil”.

Enfim, há muitas idéias por aí. A melhor de todas é a que o ano de 1959 teve — de acabar.